

Apresentação da Profa. Thelma Cristina Ribeiro Côrtes (Colégio Curso Martins)

Ser convidada para compor uma das mesas do IV Encontro do PIBID foi uma grande honra. Foi imensamente prazeroso poder dividir com um auditório cheio e atento, com outros ex-pibidianos e com professores e ex-professores muito queridos as motivações que me levaram a entrar no projeto e poder contar um pouco da minha participação no mesmo e como ele influenciou minha vida profissional.

Desde criança, sabia que queria ser professora; não sabia bem de que matéria, mas queria ter esta profissão. Perto da época do vestibular, decidi que cursaria Letras na PUC, pois queria a possibilidade de ter a licenciatura e a tradução. Durante a faculdade, percebi que o ensino era minha verdadeira paixão e me voltei mais para ele. Desde 2009, quando comecei a graduação, sempre me questioneei por que não havia um projeto voltado para a docência; havia o PET, havia o PIBIC, mas nenhum deles era voltado para o ensino, o que me deixava um pouco frustrada, pois queria pesquisar sobre a realidade dos professores na sala de aula, suas vivências na escola.

Em julho de 2012, faltando dois anos para me formar, ouvi falar sobre o PIBID. Fiquei extremamente feliz! Era essa oportunidade que eu estava esperando há muito tempo. Para Letras, havia dois subprojetos: Português e Inglês. Fiquem em dúvida para qual me candidataria a uma vaga, pois já tinha experiências em dar aulas de português, mas nenhuma com inglês. Decidi arriscar e me inscrevi no subprojeto de Inglês; tive a felicidade de ser selecionada. Durante meus dois anos de participação, descobri que era bom ser professora de português, mas era tão bom quanto, ou até mais, ser professora de Inglês.

No subprojeto, sob a supervisão da professora Walewska Braga na Escola Municipal Santo Tomás de Aquino, no Leme, e sob a supervisão da professora Inés Miller na PUC, pude viver a realidade de uma escola pública, com suas dificuldades e dilemas, mas com suas alegrias e descobertas instigantes. A professora Walewska dava a mim e as outras bolsistas total liberdade: participávamos do planejamento das aulas e do planejamento anual da escola; participávamos de alguns conselhos de classe; preparávamos atividades para trabalharmos com os alunos em grupos que eram de nossa responsabilidade (os alunos é que escolhiam com qual bolsista queriam trabalhar); desenvolvíamos atividades com os alunos, com base no que eles achavam ser relevante para o aprendizado; montávamos oficinas temáticas (de Páscoa e de Halloween, por exemplo), dentre muitas outras atividades. Cresci muito como profissional durante nossa convivência.

O maior aprendizado que tive no projeto foi aprender a ouvir os alunos, o que proporcionou muitas trocas. Eles sempre tinham uma opinião sobre tudo, um posicionamento, um argumento. Foi muito bom poder escutá-los e refletir sobre o que eles tinham a dizer, fosse sobre outros colegas, a escola em si, as atividades, as avaliações ou a aula, para que eu pudesse me posicionar sobre o assunto, compartilhando com eles meus pontos de vista, ou, então, mudando minhas concepções. Cada dia era um dia de aprendizado, e sempre aprendíamos coisas diferentes. Particularmente, acho que o melhor da minha experiência com os alunos foi o tempo que passei com eles, pois fiquei os dois anos do projeto com as mesmas turmas, o que possibilitou que desenvolvêssemos laços de afetividade muito fortes; mantemos contato até hoje.

Em julho de 2014, me formei e, em janeiro de 2015, surgiu uma oportunidade de emprego como professora de inglês em uma escola particular; aceitei na mesma hora. Estou há dois anos lecionando e sinto, cada vez mais, que trouxe para minha sala de aula a grande lição que tirei do projeto: saber ouvir meus alunos. Consegui estabelecer uma boa relação com eles, baseada em

diálogos e trocas - mesmo que de vez em quando algumas broncas sejam necessárias. Procuro fazer atividades que sejam proveitosas e significativas para eles e sempre tento explicar a matéria deste modo. Um exemplo de atividade bem recente é a que desenvolvi com minha turma de 6º ano (de 2016) sobre a expressão "What's... like?". Os alunos não estavam entendendo a explicação do livro nem os exercícios; eles não estavam conseguindo compreender por que tinham que descrever coisas e pessoas, já que "like" é gostar. Percebendo essa confusão de significados, pedi que fechassem o livro e comecei a colocar exemplos com essa frase no quadro. Quando tive a certeza de que eles haviam entendido o significado da expressão, pedi que respondessem às perguntas "What's the school like?" e "What's the English class like?". As respostas foram as mais variadas e interessantes, parecendo ser muito sinceras. A partir delas, pude perceber como meus alunos encaram as aulas de inglês e a mim, enquanto professora. Foi uma experiência enriquecedora e de crescimento, a qual tive o *insight* de realizar por conta do projeto.

Só tenho a agradecer por ter sido parte do Pibid e por ter podido compartilhar no IV Encontro essas experiências que tive até agora. Muito obrigada por tudo!